

CENA 05: “QUANTO MAIS PRÓXIMOS ESTAMOS DE NÓS / MAIS PALAVRAS TEMOS PARA TUDO”

A cena cinco da palestra-performance-oficina O que vem depois da esperança? foi escrita por Hilda de Paulo e Ave Terrena em março de 2022.

[Hilda de Paulo]

Não faz muito tempo que o conceito de “autobiografias TRANS*” vem sendo utilizado na crítica literária.

E o que é que seriam, de fato, para vocês, as autobiografias TRANS* nas literaturas LGBT+ de Portugal? O que é que vocês imaginam e sentem quando vocês escutam “autobiografias TRANS*”? Seriam elas uma realidade? Ou uma ficção?

Muitos de vocês dirão que há algo de biográfico no texto em que cada pessoa escreve ou coescreve com alguém e isso não deixa de ser a visão delas sobre o mundo. É como um apanhado de sensações e de imaginações que a pessoa escolhe para sua escrita a fim de criar esse lugar que ela definirá depois como autobiográfico. Nem sempre ela vai narrar a história de sua vida do começo até o momento presente em que ela escreve. Por vezes, são algumas experiências, algumas memórias, quiçá um único momento em que a pessoa quer destacar de sua vida. Então, vejam bem, há uma escolha – uma intenção – da pessoa que escreve no que se quer contar. É, portanto, uma escrita filtrada, ou melhor, um texto que corresponde a uma suposta realidade vivida.

Além de “autobiografias TRANS*” servirem, é claro, como um mapeamento da produção de pessoas TRANS*, algumas de vocês dirão que elas ainda servem como um entendimento – algo didático – para pessoas cisgêneras do que são as pessoas TRANS* e o que elas passam na sociedade. Mais do que uma mera importância política e social de entendimento para a cisgeneridade do que são essas existências que foram chamadas de transexuais, travestis e não-binários, as autobiografias TRANS* estão igualmente ligadas a um sentido de como a gente se relaciona com a vida, num sentido de beleza também ligado ao sentimento artístico e estético.

Além disso, esses escritos quase sempre exclusivamente são reduzidos ao sofrimento pelo mercado literário, porque há uma expectativa da confissão dessas vidas serem pautadas somente pelas dores. E esse desejo da dor – comprado e consumido pela cisgeneridade – é traído porque essa dor carrega em si várias intersecções não esperadas em suas variadas narrativas.

Reparem vocês, então, no que diz o artista e pesquisador brasileiro Caio Jade sobre o “TRANS*” – das autobiografias TRANS* – no sentido de sua raiz – que é “além de”, “fora de”. Ele salienta que esse “TRANS*” joga essas autobiografias para fora da expectativa canônica e da ideia clássica do que seria a autobiografia para os estudos literários. E, por mais que esse cânone do que seria a autobiografia nos estudos literários seja criticado, ele ainda hoje persiste nesses estudos. E ele também diz que esse “TRANS*” igualmente aparece como uma explosão da própria ideia do que seria ser TRANS*, porque o termo TRANS* mostra por si só a pluralidade do que é ser TRANS*.

Em Portugal, assim como Lara Crespo, a modelo Filipa Gonçalves e a cantora Patrícia Ribeiro foram pioneiras em pautar a transexualidade na escrita, reivindicando seus direitos, abrindo suas vidas ao interesse comum, dando entrevistas, publicando livros autobiográficos, de onde inclusive tiramos as informações para criar esses seguintes fragmentos de suas infâncias.

[**Gonçalo Albuquerque**]

Filipa Gonçalves

Uma criança nascida em Lisboa
o pai jogador de futebol
consagrado no Benfica
a mãe sonhava ter um emprego
mas desistiu pra se dedicar à família
e contava lendas de lobisomens
vindas de Lanheses
sua aldeia de origem
onde os rios corriam cristalinos

Desde os três anos
a cria já sabia quem era
feminina
mesmo com toda a pressão dos meios de comunicação social
pra seguir os passos do pai no futebol
e a difamação dos parentes
que culpavam a mãe pela personalidade da cria
na escola ela não conseguia
ir para o lado dos meninos

Psicólogos e psiquiatras deram o diagnóstico
homossexualidade futura
motivo de grande revolta pra menina
pois sua verdadeira identidade ela já intuía
desde os oito anos
quando viu numa capa de revista
“Roberta Close muda de sexo”
ali soube
seu caso não era o único
algures, no Brasil
alguém era como ela

Começaram a nascer carocinhos
em seus peitos
mesmo sem tomar hormonas femininas
levaram-na a um endocrinologista
que enfim lhe deu a palavra
TRANSEXUALIDADE

Quiseram lhe injetar testosterona

mas não conseguiram
pelo contrário
foi uma das primeiras pessoas trans a reivindicar
seus direitos publicamente
sofrendo represálias
abandonou a escola quando adolescente
mas não se deixou abalar
em seu desejo de se afirmar
como quem realmente era

[**Tiago Aires Lêdo**]

Patrícia Ribeiro

Uma criança nascida na Cova da Piedade
atravessando a ponte do Tejo pra quem vem de Lisboa
a mãe com vinte anos
casamento complicado
sustentou a vida trabalhando
numa casa de tapetes de arraiolos
o pai só se lembrou da filha
quando levou processo

Desde os onze anos que se sabia menina
gostava das barbies
engolia muita humilhação na escola
escondiam suas roupas no balneário
e pra ofendê-la gritavam “ô bonecas”

Entrou para o grupo Onda Choc
e fez inúmeros concertos
no verão
no Natal
mergulhou de cabeça na vida artística

Nos primeiros namoros de miúda
dizia que se chamava Ana Rita
quando começaram a ligar pra sua casa
perguntando por esse nome
a mãe estranhou
em pouco tempo
percebeu que seus produtos de maquilhagem acabavam rápido demais
e daí até encontrar sutiãs e vestidos escondidos
foi um pulo

A menina recebia sovas da mãe
que por sua vez as recebia do novo marido
gastavam fortunas em psicólogos
a casa tornou-se uma guerra

Assim se fez mais uma história
da adolescente expulsa de casa aos dezasseis
e que apesar de ser boa aluna
não conseguiu terminar o liceu
se não fosse a sua avó
teria ficado à própria sorte na rua

[Hilda de Paulo]

Filipa Gonçalves e Patrícia Ribeiro narraram o processo de suas cirurgias transgenitalizadoras em Portugal, sendo Filipa a primeira da história do país, em 1999. Seu livro “Obviamente Mulher” traz riqueza de detalhes em sua escrita envolvente e tocante. “Ser pioneira agrada-me, cobaia nem tanto”, ela disse. Viveu maus bocados por causa de um erro do médico na primeira cirurgia, e teve que fazer outra na Suíça, que naquela época era mais avançada nessa matéria.

Quando Patrícia Ribeiro fez a sua, alguns anos depois, Portugal já tinha mais condições, e ela não precisou sair do país. No dia da sua cirurgia, toda a imprensa estava na porta do hospital. Tudo isso está narrado em seu livro “Ontem Homem, Hoje Mulher”.

E essas duas narrativas dão bastante destaque para o momento dos procedimentos cirúrgicos e para o contato com os médicos, trazendo inclusive depoimentos deles nos livros, e até mesmo cópias das avaliações clínicas, ofícios públicos da Ordem dos Médicos, exames mentais etc. Além das fotos do “antes e depois”, que são um verdadeiro clássico nos relatos biográficos de pessoas transexuais e travestis, sendo ou não de autoria própria. O livro sobre a Ruth Bryden – que se chama “Rainha da Noite” e foi escrito pelo autor Carlos Castro – também tem essa sequência de fotos.

Aliás, é importante pensar que nas autobiografias TRANS* encontraremos pessoas que não se autodefiniram como transexuais, como é o caso da Ruth Bryden, uma das grandes figuras do espetáculo de transformismo de Portugal. Ela viveu uma feminilidade que era constitutiva dela própria – mesmo que venha a ser nomeada ainda hoje como artista transformista (nas palavras da época, artista travesti). Qual é, então, esse lugar da artista transformista? Esse lugar é localizado aqui como uma nomeação de sexo e gênero porque não havia uma divisão de si entre vida e obra.

[Gui Silvestre]

Ruth Bryden

Na vila de Penamacor
uma criança filha das minas de carvão
agarrada na barra da saia da mãe
ajuda a mãe na lida da casa
enquanto o pai nas montanhas
arranca o alimento pras bocas fumegantes do Capital

Tempo difícil de viver
pouco depois da grande guerra
a menina queria ser cabeleireira

o pai impediu
depois tentou alfaiataria
o pai se opôs
só conseguiu trabalho como aprendiz de fotógrafo
com o ancião de cabelos brancos que dizia
“sempre foi um menino e moça de muita humildade”

Na primeira vez que viveu a flor de seu desejo
com um menino que acreditava ser seu amigo
o bairro inteiro a difamou
aos gritos de paneleiro
atirou pedras que passaram raspando
mas magoaram profundamente

Teve uma namorada
quis fugir com ela pra Lisboa
mas as descobriram
no fim fugiu sozinha pra Nazaré
onde pela primeira vez conheceu a perversidade dos homens
sobre um corpo perdido em desalento na multidão

Foi para a tropa
conheceu o amor de muitos homens
casou com uma mulher, teve um filho
separou-se menos de um ano depois
e só foi experimentar sua identidade tempos depois
nos espetáculos de transformismo na Lisboa pós 25 de abril
aplicou silicone no corpo na cidade do Porto
reinou por muito tempo na noite
não morreu como um homem
viveu como quem era
para além de homens e mulheres
e virou poeira brilhante
na lumbra dos tempos

[Hilda de Paulo]

A exigência do biográfico é algo que habitualmente atravessa as pessoas transexuais, travestis e não-binárias porque a CISnormatividade exige que elas CISpliquem.

Então, ao narrar a transformação, ao dar tanta ênfase para o aspecto médico e clínico que regulamentou a própria existência aos olhos de quem a vê como estranha e estrangeira, não estão as autoras Filipa Gonçalves e Patrícia Ribeiro reforçando a ressencialização da transexualidade no campo biológico?

Como diz o escritor André Tecedero, um fugitivo deve falar fluentemente a língua do inimigo. E foi isso que elas fizeram. Para sobreviver. Para existir. E não podemos esquecer que sempre há o filtro das edições. Aqui estão as histórias delas, contadas em primeira pessoa, peitando as desventuras que se queriam impor sobre seus corpos.

E, de novo, como diz André Tecedeiro, “Quanto mais próximos estamos de nós / mais palavras temos para tudo”.

E é isso que elas nos contam aqui. Não é nenhuma cirurgia e nem os hormônios que fazem uma pessoa ser transexual e travesti, mas, se essa for a necessidade dela, ela deve ter o acesso, e esse momento não pode ser visto como mutilação e nem como cura, mas sim uma tessitura de si, um caminho de encontro consigo.

E pra terminar com os versos de Tecedeiro: “Quando coincido comigo / sou princípio / sou fim / sou verbo / na ponta de um lápis muito afiado”.